

“TROCA DE MINISTRO NÃO REDUZ COMPRA, MAS SEM PROMOÇÃO NÃO SE CONSEGUE VENDER.”

(Ivani de Moraes, gerente da Livraria Saraiva.)

Mudança não afeta negócios

NO COMÉRCIO, NEM O TEMOR DE CONGELAMENTO FEZ LOJISTAS SUSPENDEREM PROMOÇÕES.

SALETE SILVA

Queda de ministro e ameaças de controle de preço e congelamento não assustam mais lojistas e, muito menos, consumidores. Um dia depois da troca do titular do Ministério da Fazenda, o mais importante na condução da política econômica do País, o movimento no comércio foi normal. As lojas continuam fazendo promoções e facilitando o pagamento das compras em até cinco vezes em alguns casos. Aceitam cartão de crédito ou cheque pré-datado. Tudo para atrair o consumidor num período em que tradicionalmente as vendas são baixas.

Para o gerente da filial da rede de eletrodomésticos G. Aronson da rua Augusta, Mário Sérgio Avença, o consumidor e os comerciantes estão acostumados com esta instabilidade na política econômica e nem a queda do principal ministro do governo afeta mais seu dia-a-dia. “Além disso, não acreditamos em choque nem congelamento”, afirma.

“Suspender as promoções por causa das incertezas provocadas pela troca de ministros nem pensar”, diz Camilo Sabbagh, proprietário da Supply, loja de roupa feminina localizada na rua Oscar Freire. Além de descontos, a loja aceita cartão de crédito ou pagamentos em até três vezes sem juros. Segundo ele, o comércio de forma geral confia no presidente Itamar Franco e não acredita em pacote. “Ele só faria isso se estivesse louco”, diz Sabbagh.

Algumas lojas, como a Livraria Saraiva, dão desconto de 20% até nas compras com pagamento parcelado em três vezes. “Troca de ministro não reduz compra, mas se não fizermos promoção não conseguimos vender”, diz a gerente da livraria, Ivani Aparecida de Moraes. “Vamos esperar para ver o que acontece”, diz Abrão Calim, proprietário da Modas City, da rua Barão de Itapetininga. Sua loja vai manter as promoções e as vendas com cartão de crédito.

A reação dos lojistas e consumidores era esperada, segundo o economista da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo. “Ninguém saiu atirando por conta própria”, diz. Segundo ele, a substituição rápida do ministro evitou alarmes.